

# MÚLTIPLOS CAMINHOS

A diversidade da arte portuguesa dos últimos anos vista através de uma colecção privada

Em 1998, por iniciativa do sócio Sáragga Leal, a firma de advogados PLMJ — A.M. Pereira, Sáragga Leal, Oliveira Martins, Júdice e Associados, começou a criar uma colecção de arte contemporânea. A escolha incidiu, no início, sobre a pintura e escultura, já que o objectivo confesso da colecção era decorar as novas instalações da empresa, interesse que, entretanto, foi alastrando para uma atenção mais extensa e variada, para outras experiências artísticas do presente e do passado recente. Dez anos volvidos, e constituída entretanto uma fundação, mostra-se no Museu da Cidade — e, a partir de 8 de Maio, no edifício da própria empresa (Avenida da Liberdade, 224) — a exposição «Ponto de Vista», focada nas obras de arte portuguesa dos últimos anos presentes na colecção. Trata-se de uma recolha significativa que sucede temporalmente a vários livros e exposições sobre aspectos específicos da colecção (a fotografia ou o vídeo) sempre, e como esta comissariados por Miguel Amado.

Desde logo, este pode ser o momento ideal para fazer um balanço da qualidade e natureza deste coleccionismo, amplo no que respeita às aquisições (abrange desde a fotografia portuguesa do pós-guerra à mais recente produção em vídeo), informado e descomplexadamente eclético nas suas apostas.

Talvez por isso se estranhe que a exibição das existências em matéria de arte contemporânea venham sob o título «Ponto de Vista». O que se mostra no Museu da Cidade é menos uma escolha de um olhar subjectivo e individualizado sobre a arte portuguesa — um ponto de vista — e mais uma visão panorâmica, contraditória, mas quase sempre qualitativamente sustentada da produção lusa destes anos mais recentes. E, ape-

sar do equívoco da designação, talvez seja essa a sua maior virtude, na medida em que assim ilustra as tensões, rupturas e impasses que caracterizam o nosso contexto, mostrando uma pluralidade que escapa a outras visões curatoriais mais auto-referenciais ou geracionalmente focadas.

Assim, tanto encontramos a deformação irónica do objecto contemporâneo (Joana Vasconcelos, João Pedro Vale) como a opacidade do desejo (Julião Sarmiento) ou da intimidade (Rosa Almeida, Nuno Cera); cartografias urbanas dissemelhantes entre si (Rigo, Miguel Soares, Carlos Roque) ou a intenção política diferentemente enunciada (João Tabarra, Manuel Botelho). Uma relação com a música (João Paulo Feliciano, António Olaio) ou idiossincráticas relações com o objecto e a escultura (Cabrita Reis, Fernanda Fragateiro, Noé Sendas, Miguel Palma) são outras tantas linhas dominantes, mostrando que uma colecção privada (e há tão poucas de qualidade em Portugal) pode e deve reflectir uma pluralidade de caminhos, e nisso tornar-se significativa.

Celso Martins

[actual@expresso.pt](mailto:actual@expresso.pt)

## «Ponto de Vista. Qbras da Colecção da Fundação PLMJ»

Pavilhão Branco do Museu da Cidade, Lisboa até dia 18



«Bezoar», 2006, de João Pedro Vale: a exposição da Fundação PLMJ cruza gerações e apresenta artistas recentes